

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

**IDENTIDADE CULTURAL DO JOVEM NEGRO NO
SERTÃO DE TUCANO**

ADELITA PEREIRA DA COSTA

GOIÂNIA

2008

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

**IDENTIDADE CULTURAL DO JOVEM NEGRO NO
SERTÃO DE TUCANO**

ADELITA PEREIRA DA COSTA

Orientador: FERNANDO NEVES

Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Adolescência e Juventude no mundo contemporâneo como requisito para grau de especialista.

GOIÂNIA

2008

Dedico esse trabalho à minha família, a todos os jovens que fazem parte da minha vida e do meu trabalho. À Hélia, Leia, Lúcia, Iranildes, Manoel, William, Jean, Gregório e Valdir, meus eternos amigos e companheiros intelectuais.

Agradeço a todos os professores e colegas do curso da pós-graduação. Muito obrigada por fazerem parte da história da minha vida.

NOVO RUMO!

“Negro preto cor da noite”,
Nunca te esqueças do açoite
Que cruciou tua raça
Em nome dela somente
Faze com que nossa gente
Um dia gente se faça!

Negro preto, negro preto,
Sê tu um homem direito
Como um cordel posto a prumo!
É só do teu proceder
Que, por certo, há de nascer
A estrela do novo rumo.

Lino Guedes

Resumo

Este trabalho aborda a temática do jovem negro no sertão de Tucano, Bahia e seu processo de construção de identidade. Parte da hipótese de que o indivíduo sofre alteração e influências principalmente por serem sujeitos em uma sociedade que está em constante transformação.

Sumário

1. Dedicatória	3
2. Agradecimentos	4
3. Pensamento-epígrafe	5
4. Resumo	6
5. Sumário	7
6. Introdução	8
7. Identidades: processos identificatórios na construção da personalidade.	9
8. Juventudes: modelos e cultura	14
9. A trajetória do jovem negro: desafios e perspectivas	22
10. O jovem do sertão tucanense	28
11. Conclusão	31
12. Referências Bibliográficas	32

Introdução

Este é um trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Adolescência e Juventude no Mundo Contemporâneo, trazendo como temática geral os processos identificatórios ou a construção da identidade dos jovens residentes no interior do sertão baiano.

Para tal, na primeira parte veremos algumas noções e teorias relacionados a questão de identidade, “Identidades: processos identificatórios na construção da personalidade”. Na segunda parte, um pouco das visões acerca da juventude, ou melhor, dizendo das juventudes como modelo de cultura. Em seguida, a trajetória do negro no Brasil e principalmente os desafios e as perspectivas a partir das políticas públicas e das ações afirmativas. E por fim, a realidade de jovens pertencentes a uma comunidade negra no município de Tucano, no sertão da Bahia, como eles vivem e o que pensam.

Identities: processes identificat6rios na constru7o da personalidade.

Classificar o termo identidade não é nada fácil. A tendência de algumas pessoas quando se fala de identidade é pensar imediata e categoricamente em crise de identidade. Para Erikson (1987), a identidade de uma pessoa  relativa  outra pessoa, que conquistar sua identidade pode significar uma emancipa7o em rela7o ao grupo. A forma7o da identidade implica um processo de reflexão e observa7o simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em compara7o com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles, aqui se d o momento de aprendizagem, desenvolvimento e integra7o.

Identidade é a fonte de significado e experiência de um povo, é o processo de constru7o de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significados (Castells, 2006). Sendo assim, algo que é significativo para o indivíduo, torna-se parte integrante na vida dele, fazendo parte de sua identidade. Para a sociologia, toda e qualquer identidade  construída socialmente. Essa constru7o se d através da história, geografia, religiosidade e vários outros aspectos relevantes. O sujeito torna-se único e ao mesmo tempo plural. nico porque cada escolha ou decisão afeta diretamente o seu estilo e seu modo de agir ou pensar. E plural, pelo fato de não ser sozinho ou estar sozinho, e as suas escolhas e decisão estarem intrinsecamente ligadas a outras pessoas.

A religião se torna um fator importante para o jovem na tentativa de construir sua identidade. Muitos buscam na religião respostas imediatas uma solução para esclarecer ou explicar os fenômenos ocorrem nessa fase. Até aqueles jovens que se julgam não ter religião ou não acreditarem em Deus, buscam de certa forma, elementos relacionados à determinadas espiritualidades ou dimensões religiosas ou cósmicas. Mais abrangente que a religião ou a religiosidade é a transcendência, que dá uma abertura para o mistério.

Nessa perspectiva, Juarez Dayrell (1999), diz que a identidade é uma relação social. A identidade passa a se configurar como um campo, num sistema dinâmico de relações e ao mesmo tempo na capacidade de intervir sobre si mesmo. Fazendo com que o sujeito possua uma identidade individual e coletiva. A maioria dos jovens contemporâneos não possui uma identidade única, o que (Idem) vai chamar de processo de identificação, pois estes jovens acompanham o estilo e o sucesso do momento. A mudança rápida de estilo faz com que haja também uma transformação na identidade da juventude.

Mudanças estruturais e culturais, tanto nas vidas e perspectivas dos jovens, quanto na organização social e política da sociedade brasileira, acarretaram determinadas influências na formação da identidade dos jovens. A cada geração a identidade se torna cada vez mais complexa e contraditória (Mische, 1997). A noção de identidade em si já coloca uma série de dificuldades, pois a palavra dá uma idéia de permanência, de algo estático, e não é, principalmente para a juventude atual.

Stuart Hall (2005), por sua vez, afirma que a pós-modernidade emergente faz com que o sujeito atual seja fragmentado, não possuindo uma identidade, mas, "identidades". Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Todo

indivíduo traz em sua história, seu gênero, raça, classe social, uma língua, um contexto e tudo que pode ser chamado de cultura nacional.

Não significa dizer que nascemos pré-determinados a viver de acordo com a posição geográfica, as crenças, ou a situação econômica. Fomos durante décadas sendo produzidos para reproduzir o modelo de sociedade que o ocidente capitalista acredita ser a certa, escola padrão, estudante padrão, sociedade perfeita. Um modelo historicamente construído, de homem branco, de classe média, da zona urbana, heterossexual, cristão. E quem não se encaixa nesse perfil? Louro (2001), afirma que esses tantos que não estão aí inseridos são os “outros”. Mas, somos sujeitos de muitas identidades.

Segundo Stuart Hall (2005), existe três concepções de identidade: a do sujeito iluminista, baseado na pessoa humana e no indivíduo centrado, de consciência e de ação. O sujeito sociológico posiciona-se entre o eu e a sociedade, formado e modificado pelo que o cerca. O terceiro sujeito é o pós-moderno, que não possui uma única identidade, mas várias, fazendo com que o termo identidade seja substituído por processos identificatórios.

Nesse processo de construção da identidade, enquanto personalidade, vários são os componentes agregados ao sujeito, sejam fatores externos, econômicos, políticos, sociais; sejam fatores internos, psicológicos, afetivos; interferindo direta ou indiretamente na formação desse elemento. Um dos fatores que influenciam diretamente o jovem hoje é a mídia. Mas, não é regra geral, já que as novas tecnologias fazem parte do mundo pós-moderno e muitas civilizações parecem estar longe de se enquadrar ao universo globalizado. Melucci (1997) vai dizer que o tempo é uma das categorias básicas através da qual construímos experiências. Somos herdeiros de uma sociedade capitalista cujo objetivo é ganhar tempo e dinheiro. Na

adolescência e juventude é quando se começa a enfrentar o tempo como uma dimensão significativa e contraditória da identidade. Não é mais criança, mas também ainda não é um adulto e está sujeito a ambigüidade do tempo externo e do tempo interno. A juventude em sua condição cultural e biológica é o grupo social mais diretamente exposto a esse dilema.

Num país como o nosso, com uma diversidade cultural gigantesca, os valores também são vastos. Encontramos grandes centros urbanos com tecnologia e aparatos que nos colocaria no rol da pós-modernidade, por outro lado, nos deparamos com povos no sertão ou em qualquer outro lugar longínquo, onde certos recursos estão longe de acontecer. São inúmeros os fatores a serem analisados quando o assunto é identidade. Em primeiro lugar, observar que homens e mulheres passam por processos diferentes na construção da sua personalidade. Além do aspecto gênero, há também questões etnográficas, principalmente no Brasil, haja vista a grande variedade de povos que contribuíram para a formação do nosso povo. Cada um com seu linguajar, suas manifestações religiosas, culturais, suas concepções de vida e de mundo. Nesse sentido, devemos levar em conta todo o processo histórico ocorrido aqui. As concepções dos “brancos” sobre os índios, que leva muitos de nós ainda hoje a vê-los como selvagens, animais ou sem cultura. Tanto os índios como os negros eram apenas diferentes, não melhores e nem piores do que ninguém. Outra idéia equivocada é com relação ao negro. Durante muito tempo o negro foi tratado como inferior e sem valor algum, a tal ponto que até o próprio negro assimilou essa idéia como verdade absoluta. E durante muito tempo alguns jovens não se reconheciam enquanto índio ou negro. Mais recentemente, a tentativa, por parte de ambos é que ambos estão tentando reverter esse quadro horrendo da nossa história.

Muita gente só percebe a importância de sua identidade quando dá por falta dela, entra em crise e não se reconhece. Essa crise de identidade geralmente é a falta de consciência dessa própria identidade. Reconhecer-se física e psicologicamente, saber quem você é, de onde vem e para onde vai, quais seus objetivos, sonhos e perspectiva de vida, suas atitudes e ações, como é capaz de agir diante de determinadas situações. E como os outros percebem você. É assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar.

Os jovens da atualidade são mais propensos a terem crises de identidade do que terem uma formação coerente da identidade. Muitos jovens passam pela vida sem se dar conta ou sem se perceber como membro do mundo. E tantos outros quando se percebem, vêem-se pelos olhos de outros, decepciona-se consigo mesmo, e deixando de viver suas vidas, seus sonhos, para viver sonho e vidas de outros ou simplesmente deixam de viver.

O que torna difícil ao jovem negro construir sua identidade é a falta de modelos negros no qual essa juventude possa se espelhar. Em todo o processo histórico o negro foi por muito tempo menosprezado, discriminado. Quando se fala em preconceito ou discriminação racial, é comum se ouvir que no Brasil esse tipo de coisa ou situação não acontece, já que no país vivemos uma democracia racial. Para muitos, o racismo existe, ou é algo que só acontece com os outros.

O negro precisa buscar todos os dias, todos os instantes, sua identidade e o significado de ser negro. Precisa conscientizar-se do seu potencial e do seu valor, afirmar-se negro.

Juventudes: modelos e culturas

O jovem no decorrer da história foi classificado mediante a visão do adulto, definição elaborada por uma noção de adulto ideal (Foracchi, 1972), isso fez com que o mesmo durante muito tempo tivesse uma visão imperceptível de si. Hoje, muitos dos nossos jovens ainda não se percebem como elemento construtor da sociedade. Essa falta de percepção do seu papel social se dá justamente pela conceituação que o adulto faz: de que o jovem é rebelde, não tem compromisso, não tem opinião, não sabendo se expressar e não é capaz de discernir sua carreira profissional. Entendendo como jovem, o indivíduo de 15 a 29 anos, segundo Instituto Cidadania (2004).

Definir juventude é algo complexo, pois requer critérios históricos e culturais. A juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e uma representação (PERALVA *apud* DAYRELL, 2003). Para tal, compreender o que é juventude no discurso e contexto moderno e pós-moderno, seu significado e sua importância são fundamentalmente enriquecedores no âmbito da questão. Mas o que é juventude? É apenas uma faixa etária? É um período de transição entre a criança e o adulto? Ou não há definição? Para cada ramo das ciências humanas há dimensões distintas e diferentes correntes teóricas que buscam explicar ou esclarecer a complexidade do termo.

A perspectiva de uma juventude promissora para além dos conflitos enfrentados pelos jovens se faz recente na história. Isso se dá devido o aparecimento de novos atores juvenis, advindos dos setores populares, vieram a público, principalmente por meio de expressões ligadas a um estilo cultural, trazendo

a tona questões que os afetam e preocupam. São muitos os debates sobre juventude. Uma deles é o que se foca nas condições e possibilidades da atuação dos jovens em conservar ou transformar a sociedade. Outro ponto em questão, é o que toma a juventude como contingente demográfico buscando verificar características que diz respeito a situações de inclusão e exclusão. Há ainda um terceiro ponto, a postulação do jovem como sujeito de direitos, buscando examinar o que constitui a singularidade da juvenil e quais são os direitos que dela emergem (ABRAMO, 2005).

Juarez Dayrell (2003) fala do jovem como sujeito social, trazendo uma discussão sobre o ser sujeito que pertence a um determinado lugar, que tem uma história e é movido por uma infinidade de sentimentos, interagindo com outros sujeitos. É um sujeito antropológicamente falando igual aos outros da sua espécie, porém diferente na sua singularidade. Constituem um espaço e um tempo, o aqui e o agora.

Ao longo da história, as sociedades foram construindo noções e conceitos que definem as pessoas e as situações em determinados lugares sociais. A construção social da juventude se dá a partir do discurso do mundo acadêmico. Um ponto importante é a diferença que se faz entre adolescência e juventude. Para algumas teorias são usados como sinônimos e em outras são feitas distinções. Outro fator de relevância são as teorias sobre juventude correspondendo às visões psico-biológico, que trazem o jovem como um processo de transição dominado pela angústia, confusão e pela alteração dos estados psíquicos. Outra visão é a da juventude como integração social, onde a família, a escola e o trabalho o ajudam a adquirir status, já que ele é um ser capaz de aprender, e possui um potencial de desenvolvimento e integração. O jovem pode ser ainda um agente de mudança, uma

visão idealista de que a juventude solucione problemas advindos da sociedade. Por outro lado, a juventude também é vista como um problema ao desenvolvimento no que diz respeito ao desemprego, gravidez na adolescência, consumo de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, um baixo nível de educação, o deslocamento do interior para os grandes centros, entre outros.

Uma tendência da sociedade é comparar as gerações atuais com gerações anteriores, e julgar suas ações a partir das atitudes de outrora. Nessa perspectiva, Karl Mannheim, vai chamar de conflitos de gerações. Cada geração situa-se num processo histórico-social, com idéias, valores e locação similares. Toda geração vivencia experiências de vida, de trabalho e situações comuns, cada geração acredita ser melhor ou superior à geração posterior. Dayrell (1999) diz que o conflito é visível, que a transformação nas instituições como a família, a escola, o trabalho, entre outros, pode estar alterando os espaços de socialização, há uma dificuldade dos adultos em apontar um futuro para os mais novos. A continuidade das gerações é fundamental para assegurar a criação cultural e a transmissão da cultura.

Outra perspectiva das teorias sobre juventude, situa o jovem como uma construção sócio-cultural, ressaltando a diversidade de expressão da juventude e salientando a diversidade do que é juvenil. O que podemos chamar de cultura juvenil e identidade juvenil. Mas, para Maria Rita Kehl (2004) a sociedade é pautada pela indústria cultural, onde as identificações se constituem por meio das imagens industrializadas. Todos se identificam com o ideal publicitário do jovem hedonista, belo, livre e sensual. Quanto mais tempo pudermos nos considerar jovens, melhor. O que muito pesquisadores chamam de juvenilização. Todo mundo quer ser jovem hoje. É o jovem como modelo cultural, fazendo com que muitos não queiram ser adultos ou adiem por um bom tempo a sua entrada da fase adulta. O que mais se vê

no momento atual, são pais e mães nos bailes e boates dançando e curtindo funk, rock, reggae, pagode.

São os grupos de estilo, sejam eles musicais ou ideológicos que definem a cara da nossa juventude. Ninguém quer estar sozinho, por isso, muitos dos jovens se sujeitam a determinadas situações para serem aceitos em determinados grupos. Tomando como exemplo os estilos musicais, cada época e cada geração tiveram sua vida e suas ideologias pautada ou transformada por um ritmo musical. Do rock'n'roll ao hip hop, cada estilo de música expressa um novo padrão de comportamento e novos valores, centrados na liberdade, na autonomia, no aqui e agora.

A idéia e o conceito que se tem sobre juventude, de acordo com a visão do adulto, são de uma fase de transição onde o jovem se mostra rebelde nas suas atitudes, no seu modo de agir; imaturo em suas escolhas e decisões; incertezas perante o futuro; conflitos internos e externos. Pois a tendência do adulto é classificar o jovem de acordo com as suas concepções, seus valores, sua visão de mundo. Desse modo, o adulto espera que os jovens se adequem, se enquadrem ao seu perfil de jovem ideal, onde a sociedade espera e cobra um homem perfeito.

Percebe-se uma juventude cada vez mais alienada em decorrência da grande velocidade de acontecimentos e a rapidez com que as coisas acontecem. Em contrapartida, há jovens, que são o que são, são felizes como são, e não precisam provar nada para ninguém, que não passam à vida em função dos outros, mas com os outros. E sendo felizes são capazes de fazer outras pessoas felizes. Realizam seus sonhos e fazem o sonho dos outros acontecerem. São jovens com personalidade, caráter, e lutam por ideais de vida, sem imposição e com respeito e dignidade, para crescer e fazer com que outros cresçam juntos.

Durante um longo período da história da humanidade não havia nenhuma concepção ou definição sobre o adolescente e o jovem. A criança ou adolescente era considerado um adulto em miniatura. Depois o jovem tornava-se adulto. Além disso, podemos dizer que juventude é um estilo ou um espírito de vida.

Pensando dessa forma, ocorrer um choque de idéias, valores, ideais causando um embate de ideologias nas diferentes gerações. O jovem não aceita a imposição do adulto, ao mesmo tempo em que o adulto rejeita o estilo e modo de viver do jovem. De qualquer forma o adulto de hoje foi o jovem de ontem que imperceptivelmente aprendeu com outro adulto como ser adulto. Todavia, depende do jovem continuar rompendo ou invertendo definitivamente com esse mecanismo.

Mas, o que é uma geração? Situando a juventude no contexto atual de sociedade, no discurso moderno e pós-moderno, veremos uma sociedade marcada por crises ideológicas e de valores; quebras de paradigmas, o que era correto e coerente em um momento, num instante seguinte pode não mais sê-lo; há uma busca desenfreada para satisfazer prazeres cada vez mais imediato e urgentes; necessidade de soluções instantâneas; o individualismo, o consumismo e o modelo ideal e perfeito, esteticamente falando, produzido pela mídia, faz surgir a depressão, atingindo uma boa parcela da juventude; acumulação de capital, aquisição de tecnologias que não está disponível ou acessível a grande maioria da população.

A modernidade é marcada pela beleza, limpeza e ordem. A beleza, no que se refere ao sublime, a perfeição de formas. A limpeza, como pureza. E a ordem, num sentido de segurança, tenta manter uma união dessas três características. Quando há um excesso de ordem ocorre uma escassez de liberdade causa um mal-estar na sociedade. Para a pós-modernidade, ocorre o inverso. Há um aumento de liberdade e uma redução de ordem (BAUMAN, 1998).

No contexto pós-moderno, podemos caracterizá-los por uma grande diversidade em todos os âmbitos: cultural, político, econômico, social, intelectual; apego as coisas materiais, provocado pelo consumo exacerbado, à acumulação de bens e aquisição do poder; individualismo generalizado; mudança constante de acontecimentos; velocidade de informações, propagada pela mídia televisiva e pela internet; culto ao belo e perfeito, pois só é feliz e tem sucesso quem consegue se adequar ao padrão de beleza midiático; o hedonismo, ou seja, a busca do prazer e satisfação imediata dos seus desejos; e tantas outras características provocadas pela globalização (COSTA, 2004).

Outro fator que está intrinsecamente ligada à juventude é o mercado de trabalho. Esse mercado exige profissionais com experiência e formação, mas, como ter tal experiência se ele está à procura do primeiro emprego? A educação, os discursos e as ações se voltam para esse mercado de trabalho, acentuando cada vez mais as diferentes oportunidades e desigualdades, sem falar da ampliação do consumismo.

Quando falamos em juventude usamos o termo no singular, mas, se os observamos, há vários tipos de jovens que se agrupam por afinidade, estilo musical, ideologias, gangues, classe social, modo de se vestirem. Em outras palavras, não existe uma juventude, mas sim várias juventudes (MADEIRA *apud* CARMO, 2001). Helena w. Abramo (2005), também traz a tona a importância de se utilizar a palavra juventudes, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição. Apesar das diferenças em relação às situações concretas de vida, há algumas semelhanças, amplamente partilhadas a respeito de certas dimensões da condição juvenil.

A globalização, em parte, acentua as desigualdades e oportunidades entre os nossos jovens de tal forma que mesmo pensando e discutindo políticas públicas para a juventude, na maioria dos lugares nada muda ou melhora a situação ou a condição do jovem e não garantindo o funcionamento dos seus direitos.

Juntando duas temáticas importantes, identidade e juventude, teremos uma dupla complicação. Pois, falar de identidade não é nada fácil, e juventude é muito amplo tanto que atualmente usamos os termos “identidades” e “juventudes”. Mas, não se pode deixar de falar no jovem, já que é nesse período onde se dá a formação da personalidade e da própria identidade. Isso não significa que haja um processo igual a todos os jovens. Esse acontecimento não é estático, ocorrendo no mesmo período para todos. Com alguns, pode acontecer rapidamente. Com outros, de forma vagarosa. Ainda há aquelas que são dolorosas. Sem falar dos indivíduos que passam a vida inteira tentando construir ou encontrar sua identidade.

É como se todo brasileiro fosse uma ilha de democracia racial, cercado de racismo por todos os lados (SCHWARCZ, 2004). Uma sociedade marcada historicamente pela desigualdade inclusive no mercado de trabalho. O jovem negro não possui tantas possibilidades quanto o jovem branco. Zezé Motta na revista *Viração* (2006) diz que o homem ganha mais do que a mulher, o homem branco ganha mais que o homem negro, a mulher branca ganha mais que a mulher negra.

Cada dia que passa, podemos ver cada vez mais, aumentar o número de artistas negros na mídia, pois, quer queira quer não, é o maior veículo de divulgação dos estereótipos da modernidade ou pós-modernidade. É a mídia, quem dita as regras do que é bom e belo. E atualmente podemos ver negros que antes eram deixados em segundo plano, assumindo papéis de destaque. Não estou querendo dizer com isso que não aconteça ainda hoje do negro ser deixado de lado ou em

segundo plano, mas a uma certa valorização de coisas que são fundamentalmente do negro.

Além da questão da raça que traz enormes complicações para a construção da identidade da juventude. Outro fator não menos importante, é classe social ou a condição social. O fato de negro ter tido uma oportunidade tardia de instrução isso acarretou também o seu desenvolvimento de uma forma geral.

Infelizmente, vivemos a mercê de uma cultura dominante, antes vinda da Europa, hoje, dos Estados Unidos. E assim, submetidos a estarem sempre copiando modelos ditados por uma cultura “superior”.

A trajetória do jovem negro: desafios e perspectivas

Para falar da situação do jovem negro nos dias atuais, situemo-nos um pouco na história do negro desde a sua chegada no século 16. Na realidade, foram arrastados das suas terras e vendidos nos mercados de escravos, tornando-se durante um bom tempo um negócio bastante lucrativo para os mercadores. Aqueles que conseguiam sobreviver às situações subumanas ao qual eram submetidos durante a viagem, muitas vezes inconformados, morriam de banzo, outros fugiam e formavam comunidades denominadas de quilombos. O quilombo mais famoso foi o de Palmares e seu maior líder, Zumbi.

Alguns séculos depois, surge o movimento abolicionista que impulsiona a criação de algumas leis que vão aos poucos beneficiando os escravos como a “Lei Eusébio de Queiroz, de 1850”, que proibia a vinda de escravos para o Brasil; a “Lei do Ventre Livre, de 1871”, que libertava os nascidos a partir daquela data; a “Lei sexagenária, de 1885”, que deixava livre os mais velhos, os poucos que conseguiam chegar aos 60 ou 65 anos; e por fim a “Lei Áurea, de 1888”, que decretou a liberdade de todos os escravos.

Recentemente, outras leis foram criadas em reparação a tudo que o negro sofreu e ainda continua sofrendo. A “Lei 10687, de 2003”, cria a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, para cuidar da diminuição das discriminações. Tramitando ainda no Congresso Nacional, o “Projeto de Lei 3198, de 2000”, para a criação do Estatuto da Igualdade Racial que prevê medidas de proteção a grupos étnicos considerados vulneráveis. E mais, a “Lei de Cotas”, que permite o acesso às universidades; a “Lei 10639, também de 2003”, que altera o

conteúdo programático nas escolas, exigindo a inclusão da História da África e elementos culturais afro-brasileiros; e a “Lei 4887, também de 2003”, de Demarcação de Terras Quilombolas, como também de terras indígenas. Não esquecendo da incorporação do “20 de Novembro” como o “Dia da Consciência Negra”, data essa, referente a morte de Zumbi.

Mas, a Lei Áurea não garantiu a verdadeira liberdade aos negros. Os mesmos, saíram das senzalas direto para o subúrbio e favela, outros se sujeitaram a permanecer como empregados em troca de comida e abrigo. Muitos direitos foram negados durante algum tempo, e hoje as políticas públicas buscam ações afirmativas, reparativas e compensatórias.

Luiz Alberto Oliveira Gonçalves no livro “500 Anos de Educação no Brasil” (2003), traz um panorama da situação educacional dos negros. Mesmo estando ainda em condições defasadas, houve um determinado avanço com relação ao nível de escolaridade. Pouco se sabe sobre as instituições de ensino no período da escravidão. Pesquisas apontam que no século XIX, iniciativas voltadas para a educação de adultos começaram a surgir. Uma reforma do Ensino Primário e Secundário instituía a obrigatoriedade do ensino dos 7 aos 14 anos, eliminando a proibição de escravos freqüentarem as escolas públicas.

No século XIX, apesar de existirem iniciativas de inclusão dos escravos e negros livres nos cursos de instrução primária e profissional, não se dava de forma universal. Muitas vezes as aulas eram usadas para inculcar preceitos de moralidade e civilidade, algo que se acreditava não existir nos africanos e seus descendentes. Alguns movimentos surgiram associados às religiões, como a Irmandade dos Negros Católicos, podendo exercerem ou não um papel importante na educação dos negros brasileiros.

Quando falamos em educação, na realidade, o mais adequado é falar de ações de pessoas, grupos ou instituições que são capazes de alterar o comportamento de outros. Para Florestan Fernandes (1986), o baixo nível de escolaridade dos negros, fez surgir um clima de competitividade, pois, seu despreparo para o novo mercado de trabalho que surgia, criava um mal estar com os imigrantes europeus. Houve conflitos, mas também, houve troca de experiências e aprendizados mútuos.

O jovem tem em sua essência uma diversidade de elementos que originaram e constituíram suas vidas. A princípio, o índio, o europeu português e o negro, mais tarde, com as imigrações, muitos povos vieram a dar sua contribuição na formação do nosso povo. Mas, o jovem brasileiro no século XX, teve um papel importante a partir de momentos de rebeldia intelectual, exaltando à vida dos povos que constituem a sociedade brasileira.

Dos movimentos abolicionistas, passando pela semana de arte moderna, circulando pelos movimentos militares e revolucionários, na criação da União Nacional dos Estudantes, nas ações católicas, chegando aos movimentos negros, os jovens foram categóricos na construção da sociedade. Alguns com mais oportunidades que outros. Cada movimento tem seu momento, suas características, atuando, interagindo e transformando a história, construindo a história.

Mas, apesar de toda luta por novos espaços e oportunidades, a população negra foi e ainda é marginalizada. Entregue a própria sorte, quando saíram das senzalas, alguns se concentraram em bairros periféricos das pequenas, médias e grandes cidades, outros se inseriram em quilombos, e ainda houve aqueles que formaram suas próprias comunidades.

A quem diga que o fator moradia não tenha relevância para o crescimento do negro. Mas, a depender de onde se habita isso se torna fator de empecilho na hora de concorrer a uma vaga para um emprego. Sinal de que o racismo construído ao longo da história permanece tão vivo e agravante como há algum tempo atrás. A sociedade vê a população pobre, e principalmente negra, como suscetível a produzir bandido, ladrão, marginal, por causa de sua condição social.

Políticas públicas afirmativas ou de reparação estão sendo criadas por políticos e órgãos de defesa dos direitos humanos, seja na educação, na saúde, moradia, para tentar repara os resquícios que ficaram do período da escravidão.

No livro “A Integração do Negro na Sociedade de Classes”, Florestan Fernandes aborda a trajetória do negro desde quando os mesmos tiveram sua liberdade decretada, como visto, apenas no papel. Pois, muito trilharam para se desvencilhar das condições com as quais foram tratados. Em primeiro lugar, era todo um regime político e econômico que estava sendo alterado, sem contar a repercussão e o mal-estar que causara às classes sociais dominantes. Revoltados, os proprietários de terra e donos de fazendas preferiram importar mão-de-obra européia para não se sujeitarem a pagar salários aos ex-escravos. A primeira situação constrangedora para o negro estava relacionada à questão de moradia. Estavam livres, mas sem casa, sem abrigo; alguns conseguiram chegar às periferias das grandes cidades, outros permaneceram no caminho. Com pouca ou nenhuma instrução, e até mesmo falta de coragem, surge o segundo problema para os negros, posicionar-se no mercado de trabalho, mesmo em ocupações degradantes, como engraxar sapatos, vender peixes e jornais, os italianos ganhavam vantagens, pois se aventuravam em todos os tipos de trabalho. Até o grande proprietário de terra deu preferência ao imigrante, julgando haver uma prosperidade econômica.

Somente nas regiões onde o fluxo de estrangeiros foi menor é que recorriam para a chamada mão-de-obra nacional.

As grandes fazendas de café de São Paulo tornam-se grandes zonas de crescimento econômico. E com o denominado negócio do café, os donos dessas fazendas dominam o poder não só econômico, mas também político. Com isso, para onde quer que se voltassem, mesmo nas oportunidades mais modestas, o negro encontrava pela frente o colono, o imigrante operário, o artista europeu. Era uma concorrência pesadíssima e direta do homem branco. E nesse contexto econômico, psicossocial, sócio-cultural, as humilhações, os ressentimentos e os ódios, acumulados pelo escravo e pelo liberto sob a escravidão e exacerbados de forma terrível pelas decepções recentes, o ânimo do negro e do mulato foram sendo destruídos. Ainda hoje é comum vermos situações desse tipo, onde o produto estrangeiro tem mais valor do que o nacional.

O que há de concreto e essencial, quando se analisa a posição do negro, tanto na ordem econômica, quanto na ordem social emergente, é que eles foram excluídos, como categoria social, das tendências modernas de expansão. Qualquer que seja a perspectiva de que consideramos a formação e a consolidação inicial do regime de classes, o negro sempre surgiu como vítima indefesa de um clamoroso destino histórico. Por baixo da aparente liberdade, herdaram a pior servidão, que é a do homem que se considera livre, mas está de pés e mãos atadas à ignorância, à miséria, à degradação social.

Muitas situações discriminatórias aconteciam e continua acontecendo, de brancos olharem para o negro e verem sempre alguém inferior, um serviçal, alguém que está ali para servir, como se fosse da natureza do negro ser submisso. Havia

até os denominados “serviços de negro”. Muitas vezes para fugir desses serviços os negros optavam pelo crime e pelo vício.

Na Bahia, segundo Antonio Olavo (2005), 70% da população é afro-descendente. Boa parte deste povo reside em comunidades negras, algumas reconhecidas como quilombolas e outras ainda não. Essas comunidades sofrem graves problemas sociais, ligados à posse da terra, educação, saúde, água encanada, luz elétrica, dentre outras questões. Conhecer a realidade das comunidades negras é importante para a afirmação de uma identidade étnica, negada historicamente (Idem).

A problemática é que o negro foi e continua sendo visto de maneira inferiorizada, empobrecida, marginalizada, tornando um inegável componente racial, no qual a sociedade se encarrega de mantê-los em uma situação de subalternidade.

O jovem do sertão tucanense

O município de Tucano, cujo nome tem origem bastante discutível; para uns o nome originou-se de uma aldeia de índios “tucanos”, porém contestada, uma vez que os índios tucanos ocupavam o noroeste da Amazônia; para outros, o nome é oriundo das aves da família dos Ranfastídeos caracterizados pelo bico curvilíneo e acentuado e que abundavam nas suas matas (hoje extintas).

Economicamente o município sobrevive da agricultura (feijão e milho), pecuária (bovinos, ovinos e caprinos), turismo, sendo seu ponto principal a Estância Hidromineral de Caldas do Jorro, cujo potencial turístico é um dos fortes atrativos para o desenvolvimento da região. Tucano tem ainda vocação econômica voltada para a manufatura artesanal, artefatos de couro, nas confecções de carteiras, bolsas, pochettes, cintos, roupas, bonés etc. Pratica-se também o artesanato de palha, fibras, cipó, madeira, cerâmica etc.

O município está localizado na zona fisiográfica do Nordeste, inteiramente compreendido pelo “polígono das secas”. A extensão territorial do município é 2.436km².

O principal acidente geográfico existente no município é o rio Itapicuru; além de servir como divisa intermunicipal, às suas margens ou proximidades, se situam os principais aglomerados humanos; a periodicidade do seu curso favoreceu ainda o florescimento da indústria de curtume de couro e peles, tendo vários povoados como principal centro dessa atividade econômica; às suas margens plantam capim e em pequena escala cultivam hortaliças.

Por ser um lugar de poucos recursos, os jovens de uma forma geral não possuem muitas perspectivas de emprego ou desenvolvimento. Mais recentemente, há um investimento maior no trabalho e na produção de artefatos derivados do couro.

No município, uma comunidade denominada de Ovó II, mais conhecida como Baixa do Veado, está chamada a atenção de pesquisadores. Um lugar encantador, cercado por morros, casa espalhadas. A comunidade em questão, todas as famílias lá residentes são negras. É uma das comunidades mais pobres do município. Vivem apenas da produção agrícola.

Não se sabe qual a origem da comunidade. Pesquisas estão sendo feitas por professores locais, mas, até o momento nada se tem de concreto sobre a gênese do lugar.

A comunidade é paupérrima que não há perspectiva para de crescimento. Não há um comércio local, o pouco que conseguem produzir é vendido nas feiras livres. A escola primária está melhorando suas condições de atendimento, mas falta muito ainda para ser a escola adequada aos tempos modernos. Os livros didáticos que chegam à nossa região, não trazem exemplos da realidade local. Alguns educadores conseguem facilmente ajustar os conteúdos, trazendo elementos que são do cotidiano dos alunos, mas outros, talvez pela falta de prática acabam reproduzindo modelos prontos e acabados. Mas, essa dificuldade educacional se dá em toda região, seja nesse ou nos municípios vizinhos. Percebe-se no discurso dos jovens a vergonha e o desânimo de serem negros. Se julgam feios e incapazes de atrair a atenção do outro. A maioria possui uma baixíssima auto-estima.

Há um grupo de moradores que tentam manter vivo o reisado, o samba de roda e a banda de pífano, mas, para a maioria dos jovens isso é motivo de

vergonha, como se fosse algo ultrapassado, que não tem valor para os nossos dias. Apesar de muitos lugares não terem acesso a determinadas tecnologias, mas, a grande maioria das pessoas possui pelo menos um rádio e uma televisão. E mesmo que, nestes veículos de comunicação se veja ou se fale desse tipo de cultura, o jovem está ligado em qualquer outra coisa, menos em programas culturais. Apesar de muitas outras pessoas apreciarem o trabalho artístico daquela gente, percebe-se um certo relaxamento por parte dos jovens em conservar suas tradições. O que ouvem e o que vêem na mídia são o que buscam reproduzir, modelos produzidos no sul e sudeste.

Para a região a fonte de progresso ainda continua sendo a cidade de São Paulo, por isso, muitos jovens da região vão para lá em busca de melhores condições de vida, para si e suas famílias. Alguns conseguem voltar pouco tempo depois, sem muita coisa para oferecer, outros não voltam por não terem condições para tal, e ainda há aqueles que se envolvem com a criminalidade.

Conclusão

Para compreender melhor a situação em que os jovens tucanenses vivem, foi se necessário primeiro lugar, relatar uma noção de identidade, o que se discute hoje sobre a juventude, quem são e como são, traçar a trajetória do negro no Brasil e na Bahia e por fim como vivem os jovens negros do município de Tucano, especificamente, a população da comunidade de Ovó.

Espero que esse trabalho possa ajudar na reflexão sobre a situação que a juventude, principalmente a negra, no país e nas pequenas comunidades, para que haja uma mudança, para melhor, dessa realidade.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena W. *Condição juvenil no Brasil contemporâneo*. In: ABRAMO, Helena w. e BRANCO, Pedro Paulo M. (orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Ed. Fundação Perceu Abramo, 2005.

ALPIZAR, Lydia e BERNAL, Marina. "A construção social da juventude". In: *Mulheres Jovens e Direitos Humanos. Manual de capacitação em direitos humanos das mulheres jovens e a aplicação da CEDAW*. São Paulo. Ed. Brasileira, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

CACCIA-BAVA, A. *Jovens na América Latina*. São Paulo, Escritura e CEBRIJ, 2004.

CARMO, Paulo Sérgio. "Juventude no singular e no plural". In: *As caras da Juventude*. Cadernos Adenauer. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2001.

CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade*, São Paulo. Ed. Paz e Terra, 1996.

COSTA, Jurandir Freire. *Perspectivas da juventude na sociedade de mercado*. In: NOVAES, Regina. *Juventude e Sociedade*. Fundação Perceu Abramo. São Paulo, 2004.

DAYRELL, Juarez. *Juventude, grupo de estilo e identidade*. In: Educação em Revista. Belo Horizonte, n.30, dez. 1999.

_____, O jovem como sujeito social. In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 24, 2003.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987.

FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. São Paulo, Editora Ática, 1978.

FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: ed. Pioneira, 1972.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo. Coleção leitura, Ed. Paz e Terra, 1997.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. PDeA editora, 2005.

_____, Stuart. *Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais*. UFMG, Belo Horizonte. Editora Humanista, 2003.

KEHL, Maria Rita. *A juventude como sintoma da cultura*. In: NOVAIS, Regina. *Juventude e Sociedade*. Fundação Perceus Abramo. São Paulo, 2004.

LOPES, Eliane Marta. FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cyntia. *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2000.

MANNHEIM, Karl. *O problema sociológico das gerações*. In: Sociologia. Org. Marialice Mercarini Foracchi. São Paulo. Ed. Ática, 1982.

MATOS, Luciana de Oliveira Dias. "*Ações afirmativas: superando desigualdades raciais no Brasil*". In: *África, afrodescendência e educação*. SILVA, Marilene da e GOMES, Uene José (orgs.). Goiânia, Ed. da UCG, 2006.

MELUCCI, Alberto. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. In: *Juventude e contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, 1997.

OLAVO, Antonio. *Quilombos da Bahia*. Filme Documentário. Salvador, Portfolium Produções, 2005.

SCAREATELLI, Cleide, STREECK, Danilo e FOLLMAN, José (org). *Religião, Cultura e Educação*. Editora Unisinos. São Leopoldo: 2006.